
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA PAULA DE BARROS

**O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA:
SUBJETIVIDADE E POLÍTICA**

A large, abstract geometric design in the bottom half of the page, consisting of a series of overlapping triangles in shades of blue and white, creating a complex, crystalline pattern.

Rio Claro
2010

ANA PAULA DE BARROS

O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA:
SUBJETIVIDADE E POLÍTICA

Orientador: Prof. Dr. Romualdo Dias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2010

371.3 Barros, Ana Paula de
B277p O papel social da escola: subjetividade e política / Ana
 Paula de Barros. - Rio Claro : [s.n.], 2010
 40 f. : il.

 Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
 - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
 Rio Claro
 Orientador: Romualdo Dias

 1. Método de projeto no ensino. 2. Função social da
 escola. 3. Educação. 4. Sociedade. 5. Projetos diferenciados. I.
 Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

“O futuro tem muitos cenários, mas só um será realizado. Já houve um tempo sem escolas, e não sabemos se esse tempo regressará. Uma coisa é certa: tempos virão em que a sociedade necessitará de outras escolas. Sabendo que a escola precisa se articular com outros espaços sociais, políticos e econômicos!”

(Nóvoa, 199, p41)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. A ESCOLA E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.....	06
3. UNIDADES ESCOLARES PESQUISADAS E SEUS PROJETOS.....	08
3.1 Escola de Ensino Fundamental – ciclo I - EMEIEF “Profª Maria Aparecida de Luca Moore”	08
3.2 Escola de Ensino Fundamental Ciclo II e Médio e Educação para Jovens e Adultos (EJA) - E.E. “Prof. João Batista Curado”	14
3.3 UNIVERSIDADE POPULAR COMUNITÁRIA – UPC.....	16
3.3.1 O currículo.....	23
3.3.2 Programa de pós-graduação e política de qualificação e envolvimento ao longo da vida para docente na UPC.....	25
3.3.3 Convênio com a Universidade de Siegen – Alemanha.....	26
3.3.4 Áreas de atuação prioritária da UPC.....	26
3.3.5 Metas institucionais da UPC.....	27
4. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA TODOS.....	29
5. A UNIVERSIDADE DIANTE DA CULTURA DE MASSA.....	34
6. CONCLUSÃO.....	37
7. REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

Segundo Oliveira (2009) a educação escolar, considerada como o principal meio de transformação social através da conscientização, criticidade e reflexão do homem em relação ao meio em que vive, tem tomado outros significados no seio da alienação da sociedade e acaba desempenhando o papel de depósito de jovens, onde oferece os conhecimentos úteis ao mercado de trabalho e legitima os valores ditos pela classe dominante, integrando-se ao processo de acumulação de capital que perpetua e reproduz o sistema de classes.

Roberts (apud CERTEAU, 1995, p.125) um autor americano de uma *Sintaxe Inglesa*, escreveu, em 1964: “Os sistemas escolares em geral se preocupam mais em ensinar a escrever do que ensinar a falar... Ora, é indiscutível que falar é a realidade fundamental, da qual a escrita é uma simbolização secundária”.

É exatamente na medida em que o saber escolar perde seu crédito, em que se encontra substituído por conhecimentos adquiridos em outro lugar e mais rentáveis, em que, portanto, não está mais ligado à lei de uma sociedade. Quanto mais o saber se marginaliza numa sociedade, mais os problemas da relação invadem o lugar que ela ocupava. Sob muitos aspectos é o indício de um novo papel da escola. Mas essa tendência acarreta efeitos opostos: uma radicalização ao objeto tradicional do ensino, ou então uma vontade de solucionar, somente pelo aperfeiçoamento dos programas, as dificuldades criadas por uma função da escola na sociedade.

Embora a escola esteja comprometida com os interesses econômicos, sociais e políticos dominantes, legitimando ou reproduzindo estas estruturas, ela também pode ser transformadora desde que os sujeitos que a integram tenham clareza, compreendam o movimento da realidade e construam uma práxis transformadora que vise à verdadeira socialização dos bens materiais e espirituais produzidos pela humanidade. Além do mais, a universidade e os cursos de formação de professores têm um papel relevante ao reagirem sobre as bases teóricas, o currículo e as discussões que negligenciam a análise crítica-radical da sociedade.

René Kaes (Apud CERTEAU, 1995, p.105) em questionamentos a operários descobriu que suas expectativas eram de uma escola que constituísse um lugar de encontro e de aprendizagem de vida social, um lugar de preparação da

prática e teórica para vida cotidiana, em particular, a do trabalho. A maioria dos operários vai à busca daquilo que lhes parece mais urgente: garantir a mobilidade à facilidade das relações sociais, sair da indiferenciação e da intercambialidade profissional. Questionados sobre o que seria cultura, um deles chegou a dizer que ela é “um tesouro rodeado por uma coroa de espinhos”.

Com outros termos dezenas de milhares de estudantes partilham hoje desse sentimento. Submetidos a grades intelectuais que não lhes parecem organizadas nem em função de suas questões, nem em função do seu futuro, não percebem mais, no ensino que lhes é dado, seu valor de instrumentalidade social. Muitas vezes resta-lhes apenas um muro a transpor, um obstáculo a superar, uma condição imposta para chegar às profissões que se encontram do outro lado.

Sob este ponto de vista, o ensino acrescenta seu efeito próprio à multiplicidade das informações e das imagens que a cultura de massa veicula. Ele não as organiza, ele se acrescenta a elas.

A função social se amplia a fim de converter-se em centro privilegiado de educação, cidadania e cultura. A escola, enquanto instituição ética e socializadora consiste num dos principais meios para a formação crítica e cidadã. E para o exercício dessa incumbência a escola precisa assegurar a realização de atividades que possuem relação com todos os aspectos que envolvem a tarefa maior da escola: a qualidade em educação. Tendo como objetivo o processo de ensino e aprendizagem e a realização de atividades que não possuem uma relação direta com o processo educativo, mas concorrem para torná-lo efetivo, propiciando as condições básicas para que ele se realize, assim podemos citar algumas: a escola deve possuir autonomia, para definir e construir seu próprio caminho pedagógico; oferecer instrumentos de compreensão da realidade local, onde a escola considere a realidade na qual está inserida, promovendo a identidade cultural do aluno; propor planejamento adequado com ações articuladas aos objetivos, assim como programas de avaliação de desempenho; possuir um currículo contextualizado, que seja organizado e que assegure as aprendizagens fundamentais estabelecidas para o país, mas que se identifique com o contexto local e promover a inclusão e a participação dos educandos em relações sociais diversificadas e cada vez mais amplas.

2. A ESCOLA E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Entendemos que o papel social da escola situado na fronteira entre os processos de subjetivação e a dinâmica do poder permite identificar duas dimensões experimentadas pelo sujeito e que estão presentes nos modos de estar na vida: a do “intensivo” que se dá nas fronteiras da alteridade, e a do “intempestivo” que ocorre nas percepções do risco do viver, estas que obrigam o sujeito a roçar a dimensão trágica da existência.

Com a compreensão destas categorias na abordagem do corpo voltaremos sobre as experiências educacionais selecionadas para identificarmos marcas daquilo que se apresenta como elemento disruptivo diante da dinâmica de poder em suas configurações sociais. Queremos identificar, nas lidas do sujeito com a escola, as marcas de resistência aos mecanismos de poder que obstruem a potência de vida.

Enfim, nosso referencial teórico se constitui nesta fronteira estabelecida entre a Filosofia Política e a Psicanálise para analisarmos os processos de subjetivação na sociedade brasileira a partir das marcas expressas nos processos educacionais em suas relações com os processos de subjetivação.

Esta pesquisa analisa três experiências educacionais em contextos sociais específicos e níveis diferentes de ensino. Foi selecionada uma escola de Ensino Fundamental, outra de Ensino Médio e uma experiência em Educação de Jovens e Adultos. Com o uso do método da cartografia realizamos um percurso para identificarmos as paisagens que emergem na fronteira entre os processos educacionais e os processos de subjetivação. Selecionamos as experiências educacionais para nelas analisarmos o papel social da escola. Nestas experiências demarcamos uma fronteira situada entre a esfera da subjetivação e a política, de tal modo que possamos observar os movimentos do sujeito em meio aos determinismos advindos de suas relações estabelecidas com o “outro humano” e com o “outro mundo”. O rastreamento dos caracteres de definição do elemento político se faz na observação sobre os movimentos dos corpos no interior dos processos educacionais.

As categorias “biopolítica” e “bipoder”, tal como foram formuladas nos estudos Michel Foucault nos auxiliam na compreensão dos processos de

subjetivação em uma sociedade assentada na dinâmica do mercado. As categorias “reificação” e “fetichização”, formuladas por Adorno e Horkheimer em a “Dialética do esclarecimento” nos permitem analisar o papel da ciência na sociedade industrial, para em seguida, discutirmos a função social da escola, considerando as marcas recolhidas no exercício de cartografia sobre o cotidiano das instituições de ensino selecionadas. Observaremos o quanto à instituição educacional, os educadores e os educandos conseguem, por meio do acesso a ciência, se sobrepor as forças de determinação advindas das configurações sociais.

Nestas três instituições escolares brasileiras encontramos o desejo e a necessidade de implantar um sistema de ensino diferenciado, para atender às demandas específicas da realidade social em que estas Unidades Escolares estão inseridas.

O diferencial do sistema educacional destas é que cada uma delas elabora exclusivamente a formatação dos seus processos e objetivos educacionais adaptando-os às demandas reais dos educandos, individualmente verificada.

3. UNIDADES ESCOLARES PESQUISADAS E SEUS PROJETOS

3.1 Escola de Ensino Fundamental – ciclo I - EMEIEF “Profª Maria Aparecida de Luca Moore”

A escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria Aparecida de Luca Moore, fica na cidade de Limeira, no estado de São Paulo e atualmente atende cerca de 1000 alunos em suas diferentes modalidades de ensino oferecidas:

- Educação Infantil e Ensino fundamental (manhã e a tarde);
- EJA (Educação de jovens e adultos) sob a responsabilidade da diretoria do EMES (Escola Municipal de Ensino Supletivo);
- Educação Especial;
- Brasil Alfabetizado, sob a responsabilidade do ISCA (Instituto Superior de Ciências Aplicadas) Faculdades de Limeira;
- Tele Sala – Ensino Médio (Sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação) em parceria com o Instituto Macuco e a Fundação Bradesco;
- Escola da Família (em parceria com as Faculdades e Universidades de Limeira e Região;
- Pró Jovem (Governo Federal).

Localizada no Jardim Aeroporto, esta escola foi inaugurada em fevereiro de 1998, começando suas atividades no mês de agosto do mesmo ano.

A equipe de gestão é formada por uma diretora, duas vice-diretoras, duas coordenadoras pedagógicas e uma assistente social. A escola conta também com duas dentistas, funcionárias municipais que alternam o atendimento nos períodos matutinos e vespertinos.

A escola conta com uma biblioteca composta de vasta coleção de obras e de diversos gêneros, sala de informática, sala de recursos para atender os alunos com necessidades especiais, brinquedoteca, dois parques infantis e quadra de esportes, campo de areia, pátio coberto e refeitório.

O acervo da Biblioteca possui cadastro num banco de dados, o que favorece o empréstimo dos livros para os alunos, funcionários e professores, e até

mesmo para pessoas da comunidade que estejam interessadas. Todos recebem uma carteirinha com código de barras e a escola tem disponível uma funcionária para fazer os empréstimos.

Na equipe escolar, muitos funcionários estão buscando aperfeiçoamento profissional através de cursos, graduações e pós-graduações oferecidos muitas vezes com descontos pela prefeitura Municipal através de convênios com as Faculdades do Município. Os docentes, em sua maioria já são pós-graduados, e alguns estão iniciando o mestrado.

Outro aspecto relevante desta equipe é o fato de que oportunizam momentos de reuniões entre professores e funcionários, que são chamados para propor soluções e não só ser impulsionados a se responsabilizar por suas propostas.

Na última pesquisa social, realizada em razão da rematrícula dos alunos, a direção destacou os seguintes dados:

- 80% dos alunos atendidos pela escola residem no Bairro Ernesto Kuhl (um bairro próximo à escola que surgiu através da invasão do MST (Movimento dos sem terra), no ano de 1996, hoje habitado por cerca de 7.500 pessoas;
- Cerca de 60% das famílias que a escola atende recebe até um salário mínimo;
- 60% participam do Programa Social Bolsa Família;
- 70% participam do Programa Social Bolsa Escola;
- 30% participam do Programa Social Renda Mínima;
- 80% não têm convênio médico e dependem do SUS na questão de saúde;

O levantamento de dados em relação a oportunidades de lazer se mostra alarmante. Poucas famílias declararam usufruir de espaços de lazer a não ser os que o bairro oferece que são praças e Centro Comunitário. Na avaliação da equipe gestora, esse dado está aquém das expectativas. Os alunos sofrem com as poucas possibilidades de lazer, quando consideramos a importâncias dessas oportunidades para as crianças, sobretudo quando se considera as precárias condições do bairro e também a relação deste item com o desempenho escolar.

Devido a baixa renda das famílias atendidas pela Unidade Escolar, a instituição depende somente do auxílio da prefeitura e de doações esporádicas de empresários que se sensibilizam com o projeto da escola.

Nesse sentido, esta escola representa hoje, para a comunidade, um dos espaços mais preparados e organizados que tem acesso. Funciona mais como um pólo para receber as instituições existentes no bairro do que para receber auxílio delas. O motivo pelo qual a escola desenvolve um trabalho diferenciado, um projeto especial visando mostrar à comunidade que a escola é de todos. Para isso a Unidade escolar fica aberta à comunidade de domingo a domingo. A equipe gestora garante que quando a escola está aberta para todos, faz mais sentido cuidar dela. O índice de danos, avarias ou vandalismo são zero.

Nos fins de semana a escola recebe atividades diversas: pastorais Evangélicas e Católicas utilizam as instalações da escola para seus projetos. O grupo de Escoteiros do Ar tem na escola seu ponto de encontro. A Secretaria de Segurança do Município disponibilizou um Guarda Municipal que trabalha com alunos e ex-alunos e jovens da comunidade, um Projeto de Esportes denominado EMALUM, que prepara os alunos interessados em diversas modalidades esportivas levando-os sempre para competições de Limeira e região, realizando atividades que envolvem o corpo e a mente.

O PSF (Programa de Saúde na Família) e o NAF (Núcleo de Atendimento a Família) estão sempre à disposição da população e em contato com a escola a fim de olhar mais de perto as famílias atendidas.

Porém na área Pedagógica, um dos problemas enfrentados pela escola é a relação de alunos que estão em defasagem idade série. Muitos deles entram na escola com idade superior esperada para o início da escolarização.

Outro grande problema também, enfrentado pela gestão da escola é como aproximar mais a comunidade da vida escolar do filho. A abertura da escola para as famílias não é suficiente. Quando a família é convocada para saber mais dos projetos escolares em que seu filho está envolvido e seu desenvolvimento, o índice de adesão é de 20% a 30% (dados referentes à porcentagem de comparecimentos nas últimas Reuniões de Pais).

Para que este problema seja sanado, a escola investe em projetos escolares que tenham como produto final, algo funcionalmente social, que a família

possa reconhecer e fazer uso, dar importância, ou seja, as atividades em sala de aula são voltadas para a produção de algo no fim de cada semestre, como por exemplo, um livro, uma exposição, uma apresentação musical, etc.

Com a ausência do sentido do ato de ler e escrever nesta comunidade, a escola encontrou uma forma de estimular a leitura e beneficiar a comunidade local. A instalação de uma estação de rádio com sede na escola (com transmissão feita pelos próprios alunos) garantirá um trabalho diferenciado que estimulará o interesse dos alunos em aperfeiçoar as estratégias de leitura e escrita para que possam participar da programação. Grande parte do equipamento está disponibilizado à escola, alguns funcionários e professores já foram capacitados e em breve este recurso estará em funcionamento.

Com todas as dificuldades que uma escola de periferia abrange, a clientela carente de recursos materiais e de cultura e lazer, famílias ausentes e despreparadas, que matriculam seus filhos com idades muito superiores a que deviam estar freqüentando a aula, a escola precisou pensar numa forma de atender estes alunos pensando nas dificuldades particulares de cada um. Foi aí que surgiu o projeto Fora de Série.

A legislação que normatiza e gera a possibilidade de organização do ensino institucional não seriado esta posta desde a LDB nº 4024 de 1961, no artigo 104 que prevê a permissão para “Organização de cursos ou escola experimentais, com currículos, métodos e períodos escolares próprios”. Já na lei nº 5692 de 1971, artigo 14, parágrafo 4º, diz que “verificadas as necessárias condições, os sistemas de ensino poderão admitir a adoção de critérios que permitam avanços progressivos dos alunos pela conjugação dos elementos de idade e aproveitamento”.

Com base nestes regulamentos a escola pode se organizar e atender o aluno mais eficientemente. Sendo assim, a Unidade Escolar elaborou o Projeto Fora de Série, que consistem em agrupar os alunos de acordo com sua faixa etária e habilidades específicas.

Os alunos são agrupados de forma organizada, em duas áreas disciplinares, levando-se em consideração as habilidades e os conteúdos para cada faixa etária e ano de escolaridade.

Assim adotamos o sistema de aulas simultâneas, onde no horário de Língua Portuguesa todos os grupos têm a mesma disciplina e cada aluno está

frequentando o grupo mais adequado para o seu nível de desempenho, que pode ser um grupo de alfabetização ou um grupo de pós – alfabetização.

Na aula de Matemática ocorre o mesmo. No horário desta disciplina cada aluno frequenta o grupo mais adequado ao seu nível de desempenho de acordo com critérios pré-estabelecidos com a avaliação diagnóstica.

Já nas outras disciplinas como História e Geografia, Ciências, Artes e Educação Física o aluno frequenta outros grupos para que possa ter contato com a diversidade de ideias, valores e de conhecimento.

Estas adaptações relativas ao currículo da classe permitem que os professores atendam alunos com a mesma dificuldade, mesmo que de séries diferentes, na mesma turma, de forma que favoreça a efetiva participação e integração do aluno.

Além de adequar o sistema de atendimento a demanda desta escola, esta Unidade Escolar mantém espaço aberto às comunidades Acadêmicas. Parcerias com Universidades Públicas do Estado de São Paulo têm ajudado a escola a melhorar os resultados.

No ano de 2001, deu-se início o Projeto Parceria UNESP(Universidade estadual Paulista) – Rio Claro - Escola. Com várias frentes de trabalho e pesquisa, a escola conta com o “Projeto de Profissionalização Docente”, tendo como responsável o Professor Samuel Souza Neto, com o objetivo de refletir junto aos docentes e funcionários da Unidade Escolar, a necessidade de se apropriarem de saberes para atuar de forma autônoma e profissional.

Coordenado pela professora Ana Maria Pellegrini, também da UNESP, há o Projeto de identificação e intervenção de alunos portadores de Transtornos da Coordenação Motora, onde é feito uma testagem dos alunos, levantamento e tabulação de dados referente ao desenvolvimento motor dos alunos e encontro com os professores para orientar o trabalho com os mesmos.

No ano de 2006 a prefeitura disponibilizou estagiários do curso de Educação Física da Faculdade Einstein para desenvolver um projeto na escola voltado ao ensino do Xadrez, a fim de desenvolver e estimular o pensamento e a estratégia, ajudando os alunos a conhecer e democratizar este jogo-arte-ciência cuja origem e história perdem-se no tempo. O projeto foi muito bem aceito pelos alunos e pelos docentes e está em vigor até o presente ano.

A partir do ano de 2007, uma parceria com a UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), na área de Psicologia, implantou-se um projeto denominado “Liga da Leitura” com o objetivo de intervir no processo educacional das crianças que estão em nível de alfabetização aquém do esperado para sua idade e ano de escolaridade.

Nessa perspectiva o papel da escola é consolidar o respeito às diferenças, ou seja, vê-las não como um obstáculo para o cumprimento da ação educativa, mas podendo e devendo ser fatores de enriquecimento.

Podemos destacar também o projeto Olhar de Pertinho que consiste em acompanhar os alunos mais vulneráveis socialmente da Unidade Escolar. O levantamento desses alunos é feito pelos professores. Assim que os números são tabulados, os alunos são sorteados a todos os professores e funcionários da escola. Estes serão os padrinhos e madrinhas das referidas crianças durante o ano letivo. Cada adulto será responsável por olhar “mais de pertinho” o aluno a qual foi designado. Esse olhar abrange uma observação mais de perto de sua condição social e assessoria do desempenho acadêmico do aluno, verificando periodicamente suas atividades, chamando para conversar, manter uma relação mais próxima do aluno.

Os objetivos desta instituição se resumem em:

- Elaborar propostas pedagógicas baseadas na interação com os alunos desde a concepção dos objetivos;
- Reconhecer todos os tipos de capacidades na escola;
- Seqüenciar conteúdos e adequá-los aos diferentes ritmos de aprendizagem dos educandos;
- Adotar metodologias diversas e motivadoras;
- Avaliar o educando numa abordagem processual e emancipadora, em função do seu progresso e do que poderá vir a conquistar.

3.2 Escola de Ensino Fundamental Ciclo II e Médio e Educação para Jovens e Adultos (EJA) - E.E. “Prof. João Batista Curado”

Localizada na cidade de Jundiaí, há 90 km de São Paulo, está a Escola Estadual “Professor João Batista Curado”, que fica no Bairro Jardim Tarumã, e atende alunos de Ensino Fundamental Ciclo II, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A alta taxa de notas abaixo da média (vermelha) e o desinteresse demonstrado pelos alunos em relação aos conteúdos preocupavam os professores e gestores desta Unidade Escolar. Surgiu então a idealização do Projeto “Intensificação de Conteúdos”, realizado pelos professores do ensino médio, junto aos alunos do terceiro ano.

A pergunta era esta: como atacar o problema? Se não houvesse a redução das notas vermelhas e a reversão dos índices, haveria também, desânimo e abandono dos conteúdos e dos conceitos. Mas também, havia o entendimento de que as notas são pontuais e burocráticas. O importante, para muitos dos docentes, era oferecer conteúdos e conceitos que auxiliassem na formação dos alunos para além das notas imediatas.

Entendeu-se que não há como ser crítico sem repertório, ou seja, sem que o aluno tenha uma bagagem cultural refinada. Pensou-se em implantar então o projeto de intensificação do conteúdo. Porém, esta oferta necessitava de outras dinâmicas sem abolir o formato de aula. No projeto, os conteúdos e os conceitos seriam apresentados por um conjunto de professores, simultaneamente, no mesmo espaço físico. Além dos materiais didáticos, far-se-ia uso, também, dos materiais de multimídia adquiridos pela unidade escolar. Esta foi a marca do projeto.

Os professores elencaram sete temas presentes no cotidiano social. Depois construíram uma linha mestra de apoio. Cada professor abordou o tema de acordo com o seu conteúdo e conhecimento específico. Com isto quis-se demonstrar como os conteúdos se interligam e se completam.

Os temas foram: Bases para intolerância, Astronomia, Guerra Fria, Direitos Humanos, Cultura, Artes e estética, Profissões, Olimpíadas de 2016 e Pré-sal e as turmas participantes foram três salas de 3º ano do Ensino médio e uma de EJA.

Para que o projeto se concretizasse algumas demandas se fizeram presentes. A aula do projeto era ministrada uma vez por semana e, tinha o seu início às 19h, finalizando às 23h. As aulas das demais séries não foram suspensas. Quando os professores saíram para realizar suas apresentações, o horário de algumas turmas era redistribuído.

Os professores organizavam o pátio da escola levando carteiras e equipamentos de multimídia. Das 19h às 21h30, a fala era dos professores que se revezavam no microfone. Por vezes os alunos também faziam suas intervenções. A partir das 21h até às 23h, os alunos se reuniam, realizavam algumas tarefas e pontuavam aquilo que se fazia necessário.

Os gestores apoiaram o andamento do projeto. Ação fundamental da Prof^a. Coordenadora Marici Moda Dias. Coube a ela fazer a ponte entre a direção e os professores. Os funcionários também contribuíram dando suporte às demais turmas que não estavam no projeto.

Entre os professores o ganho foi expressivo. Passou-se a discutir com mais frequência os conteúdos e os conceitos. Pôde-se observar o quanto cada um tem a oferecer para além das suas específicas salas de aula. Como cada um lida com os seus saberes. Desenvolveu-se uma solidariedade entre eles, devido ao fato de falarem em público e entre si no mesmo tempo e espaço. O uso das multimídias, as interações e o desejo de que o outro ficasse a vontade. A avaliação pode ser verificada abaixo.

A meta primeira foi concretizada. Os alunos tiveram contato com outra dinâmica escolar, sem que se omitissem os conteúdos e os conceitos. Esta avaliação do projeto foi feita por amostra. Foi pedido também, que os alunos criassem um blog onde os conteúdos e conceitos, bem como todo material gráfico utilizado pelos professores fossem disponibilizados. Isto fez com muitos vissem na internet outra ferramenta de trabalho.

Tabela demonstrativa da avaliação dos alunos em relação ao projeto:

	1			2			3			4			5		
	+	-	+/-	+	-	+/-	+	-	+/-	+	-	+/-	+	-	+/-
3ºA	10	/	/	8	2	/	4	2	4	7	/	3	10	/	/
3ºB	21	/	2	15	3	5	/	8	15	20	/	3	23	/	/
3ºC	10	/	1	7	2	2	3	2	6	9	/	2	9	/	2
EJA	7	/	2	3	1	5	/	2	7	8	/	1	8	/	1
Total	48	0	05	33	08	12	07	14	32	44	/	09	50	/	03
	90,2		9,8	62	15,4	22,6		26,3	60,2	82,7		17,3	50		
	Visão individual do projeto			Participação individual no projeto			Visão pessoal do dos alunos como grupo			Participação dos professores			Conteúdo + avaliação		

3.3 UNIVERSIDADE POPULAR COMUNITÁRIA - UPC

A Universidade Popular Comunitária localiza-se na cidade de Cuiabá, no estado do Mato Grosso e teve seus trabalhos iniciados em 2002.

Com a filiação da cidade de Cuiabá à Associação Internacional das Cidades Educadoras¹, o governo assumiu junto à sociedade o compromisso de compreender a cidade como um espaço educativo e desenvolver ações que viabilizassem esta compreensão no coletivo.

Para tanto foi necessário aprofundar o conhecimento da realidade em que a sociedade se encontrava. Para o conhecimento desta realidade e dos sujeitos envolvidos no processo de elaboração do projeto educativo, a equipe idealizadora do projeto respondeu a três questões básicas: Quem somos nós? Quem são nossos alunos? Quem é nossa comunidade?² Buscando responder estas questões foi feito um levantamento socioeconômico realizado na região a partir da comunidade escolar, envolvendo pais, alunos, professores e outros voluntários, que foram de casa em casa mapeando as condições de vida, e as principais necessidades da população local. Segundo VIANA e MACIEL (2000) Estes dados vêm sendo atualizados anualmente e evidenciam a necessidade de um espaço educativo específico para adultos que contribuísse não só com a escolarização, pois muitos nunca tinham ido à escola, o que interferiam na relação entre pais e filhos, muitos pais descreveram a dificuldade de acompanhar o processo de escolarização de seus filhos, mas também a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, devendo este espaço educativo contribuir também com as necessidades de inserção desta população na esfera produtiva.

A idéia da UPC nasceu do diálogo entre o Secretario Municipal de Educação Carlos Alberto Reyes Maldonado e vários professores da Microrregional Hebert de Souza, que discutiam um projeto educativo único e adequado às necessidades desta região da cidade. A Microrregional Herbert de Souza fica na região sul da cidade e dista cerca de 25 Km do centro. Compreende a uma região

¹ As Cidades Educadoras tiveram início, como movimento, em 1990, quando do **I Congresso Internacional de Cidades Educadoras**, celebrado em Barcelona, onde um grupo de cidades representadas pelos respectivos órgãos de poder concluíram ser útil trabalhar em conjunto projetos e atividades para melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. Posteriormente, em 1994, este movimento formalizou-se como Associação Internacional, oficialmente criada no terceiro congresso das Cidades Educadoras, o qual decorreu em Bolonha, Itália.

² Documento sobre as Microrregionais, Secretaria Municipal de Educação, Cuiabá, 2001.

eminentemente agrícola, onde se encontram pequenas chácaras, e atualmente alguns Conjuntos Habitacionais, com pouca infra-estrutura. Na região não há supermercados, postos de correio, banco, hospitais ou policlínicas e nem mesmo Escolas de Segundo Grau, só recentemente passou a contar com uma creche. Sendo considerada segundo estatísticas apresentadas no Mapa de Violência, como sendo a região de maior percentual de crimes contra a vida.

Decorrendo dos trabalhos da microrregional a concepção da UPC, como um espaço destinado à educação de adultos, oferece a esta população educação em diferentes níveis, da alfabetização a pós-graduação, e que se possibilita o desenvolvimento de espaços produtivos alternativos a partir da verticalização de conhecimentos, habilidades e competências que a população local possui. O conceito da UPC reafirma a Universidade como tempo/espaço de educação de adultos, pois se todos tivessem o acesso à educação, quando adultos estariam na universidade, favorecendo a auto-estima dos que integram o projeto, pois estes não frequentam a escola, este é o espaço dos filhos, não estão voltando, não estão em déficit. Mas também recupera a idéia da Universidade como espaço de circulação do saber, de círculo de cultura.

Para implementação do projeto foi realizado uma seleção interna entre professores da rede em dezembro de 2001. Constituí-se uma equipe multidisciplinar que após um período de dois meses se subdividiu. Uma parte ficou trabalhando nos cursos para profissionalização dos funcionários da rede, outra continuou a discutir o projeto da UPC. Esta discussão envolveu a recomposição da equipe que ficou reduzida a dois professores, a discussão com professores da rede trabalhavam com a Educação de Jovens e Adultos, e com a comunidade. A equipe de professores utilizou como critério para a recomposição, a aglutinação de professores que tivessem experiência em trabalhos comunitários, ONGs, Movimentos Sociais, etc. As reuniões com professores do EJA se constituíram em fator importante para conhecer as dificuldades e necessidades, do trabalho educativo com esta faixa etária. Os dados apontavam a necessidade de um projeto educativo mais específico para a população adulta. O índice de perda do EJA era de 51% no primeiro segmento (alfabetização) e de 38% no segundo (pós-alfabetização). E os depoimentos dos professores demonstravam a inadequação do projeto educativo em curso, uma proposta generalista na realidade a mesma ofertada nos cursos oferecidos aos

jovens e adolescentes, as necessidades da população adulta. As reuniões com lideranças e comunidade foram importantes para conhecer a realidade da microrregional e para própria construção do projeto, teve lugar nas Associações de Moradores, Escolas e na Secretaria Municipal de Educação.

Os grupos de professores e representantes da comunidade escolheram juntos o local de funcionamento, e fizeram a mobilização para o processo de matrícula. O primeiro campus recebeu o nome da Microrregional Herbert de Souza, e começou a funcionar em 7 de outubro, sendo inaugurado no dia 19 de outubro de 2002. Contando inicialmente com 5 professores e 105 acadêmicos, oferecendo inicialmente a Educação Básica. A primeira turma concluiu em outubro de 2004 o ensino fundamental.

Inspirados nos resultados alcançados na experiência do campus Herbert de Souza, lideranças da Microrregional Paulo Freire solicitaram ao prefeito um campus da UPC na região oferecendo o Centro Comunitário do Jardim Industriário II como sede. O Campus Paulo Freire foi inaugurado no dia 3 de maio de 2003 e iniciou suas atividades em julho do mesmo ano atendendo a 280 discentes.

Processo semelhante aconteceu, nos outros dois campi: o Bela Verena no CPA e o Elisa Bocaiúva no Dom Aquino.

O Campus Bela Verena tem sua sede no espaço da Obra Kolping, iniciou suas atividades em 9 de dezembro de 2003, e atendia a 280 discentes, sendo inaugurado no dia sete de abril de 2004.

O Campus Elisa Bocaiúva tem sua sede numa escola estadual com o mesmo nome, repassada ao município para sediar a UPC.

Ainda em outubro de 2004 houve o início da implantação de mais um campus da UPC na região leste da cidade, no bairro Pedregal.

A Universidade Popular Comunitária pretende concretizar-se como uma instituição de ensino superior diferenciada, por isso ela afirma que não é nem melhor, nem pior que as demais instituições de ensino, tanto de educação básica quanto de ensino superior. Tem uma compreensão de educação ao longo da vida, oportunizando uma oferta educativa aos adultos que não completaram o ensino fundamental, retomando sonhos e propiciando a interação entre as pessoas a partir das relações experienciadas por elas, afirmando a identidade, a alteridade e o sujeito. Portanto, a idéia da fazer existir e a consolidação desta instituição não

obedece qualquer lógica do pensamento ocidental até hoje existente. Porém, constituiu o conjunto de culturas e pensamentos, memórias e lembranças, significados e significantes resultados da produção e vivência sócio-cultural do conjunto de artistas, dirigentes da secretaria de educação, particularmente o Professor Carlos Alberto Maldonado e alguns outros pensadores que auxiliaram nos debates para se prosseguir nesta construção.

Nesse sentido há a construção de uma Identidade Institucional e isso significa que na UPC se busca que haja alguns pressupostos básicos pensado nas relações e práticas existentes e construídas ao longo dos dois últimos anos. Alguns são significativos individualmente e outros se constituem referências institucionais. Nesse sentido buscar fazer com que o sujeito ao falar dele mesmo se faça por inteiro, só conseguindo falar daquilo que realmente faz.

A Universidade Popular Comunitária (UPC) possui processo educacional diferenciado, não apenas por querer ser diferente, mas por ser necessário e urgente construir novos e diferentes paradigmas para a sociedade por muitos denominadas de pós-moderna.

Essa necessidade surge em decorrência do despreparo das universidades atuais para as mudanças que a sociedade requer. Desde a fundação do modelo europeu universitário, aproximadamente mil anos atrás, essas instituições de ensino superior pouco se transformaram, ainda continuam sendo seculares, complexas e, em grande parte, elitistas. Persistem em manter os alunos em uma sala de aula com um professor à frente, quando se sabe que a aprendizagem aflora mais em razão da experiência prática, fundamentada em soluções de problemas, no pensamento crítico e na interatividade entre os alunos.

A busca e o desejo por uma nova proposta de Universidade consiste em um desafio complexo e coletivo disposto a toda sociedade, inexistindo uma resposta correta ou uma única solução a ser adotada. Inobstante ao exposto, a busca deve ser intentada e, embora árdua, faz-se promissora.

Diante disso, a UPC discutiu, deliberou e está construindo alguns objetivos que a façam diferente nas suas propostas, nos seus processos e mecanismos de envolvimento.

Dentre os objetivos da UPC inclui-se o oferecimento de uma educação que compreende o ensino fundamental, médio e superior a adultos que não

possuem acesso ao sistema universitário padrão³ e que não concluíram o ensino fundamental, oportunizando a construção de uma história de Universidade que se constitui fazendo e se refazendo pelas inter-relações entre artistas e co-artistas, afirmando não apenas a construção da cidadania, mas a identidade e a alteridade. Esse modo de ensino superior não se concentra apenas no ensino fundamental, nem no médio, nem no universitário, porque aborda problemas específicos para cada um desses níveis. Implica em problemas que se referem ao conhecimento, não ao conhecimento e saberes produzidos na e pela UPC, mas aos existentes nas escolas e universidades convencionais, ao pensamento produzido nos meios acadêmicos e difundidos pela comunidade científica como verdades absolutas.

A UPC preocupa-se em enfrentar um novo tempo com uma dimensão ética voltada para a espiritualidade geradora de seres humanos com sensibilidade para a vida em seus mais variados valores. Tanto artista como co-artista, cotidiana e constantemente, não podem deixar de se inquirir por qual razão e para que estão em uma Universidade e não somente como devem proceder para dela sair com “boas notas” ou “bons professores”. Trata-se de uma Universidade voltada “para cima”, uma instituição que na visão do provocado professor “perde a arrogância das suas teorias e aceita outras que surgem no mundo, fora do campus, ainda que sejam esotéricas, incompatíveis com o rigor científico”, pois ainda assim estão presentes no mundo e possuem um papel a cumprir: o direito de expressar suas crenças ou de direcionar-se para uma verdade.

Nesse sentido o papel da instituição é a de voltar-se “para baixo”, objetivando a contextualização do mundo a qual vive, canalizando energia para a ação e o fortalecimento da auto-estima dos co-artistas e artistas, motivando, valorizando e oportunizando a sistematização dos diferentes tipos de conhecimento, de criação artística e cultural, o estudo, o invento e a criação, ampliando o âmbito de sua validação.

Por essa ótica a UPC aceita o desafio de Buarque quando em “Uma idéia de Universidade” afirma que o conhecimento científico, tecnológico e artístico, construído nas Universidades, não são únicos, pois há outras formas de conhecimentos surgidos na prática de pensar e de agir (BUARQUE, 1986, p.72) de

³ Sistema universitário padrão compreende-se como aquele em que os pretendentes ingressam na Instituição de Ensino Superior por meio de um processo seletivo meritório, vestibular, logo após completarem o ensino médio. Neste sentido, a UPC é diferenciada por possuir apenas dois critérios de ingresso: ter o pretendente 25 anos ou acima e não ter completado o ensino fundamental.

inúmeros grupos sociais heterogêneos da sociedade, que por não serem caracterizados de científicos tornam-se desprovidos de legitimidade institucional.

Aproximar essas provocações do cotidiano dos debates na UPC é significativo. Por isso, outro pensador no desafio. Boaventura de Sousa Santos em entrevista para a Revista Teoria e Debate, n. 48, adverte que é preciso identificar novas formas de conhecimento, trazendo para as ciências os conhecimentos alternativos dos ativistas sociais e da cultura popular. As investigações do sociólogo português procuram captar as experiências nos países de desenvolvimento intermediário, demonstrando as contradições entre a globalização neoliberal e a globalização contra-hegemônica. Compreende-o que o sistema disciplinar de organização do conhecimento e a competição entre as Universidades brasileiras acabam eliminando a criatividade.

Nessa tradução e reconstrução de novos saberes e/ou diferentes conhecimentos e saberes o processo educacional da UPC direcionar-se-á para a contribuição de sistematização e socialização dos saberes populares, locais e tradicionais. Nesse sentido, os saberes locais já estão reconhecidos como conhecimento produzido. Contudo, a UPC avança nessa compreensão ao definir que esses saberes e conhecimentos populares produzidos ao longo do processo histórico devem ser sistematizados e conhecidos, por isso, a difusão, a partilha desse saberes, o aprender a fazer e a explicar sobre determinados saberes. Sistematizar para garantir a continuidade de culturas e conhecimentos produzidos, mas esquecidos pela academia e pelas demais instituições educativas.

Construir, reconstruir, desconstruir, sistematizar, disseminar e apropriar-se dos conhecimentos através da pesquisa e extensão, constitui outro objetivo UPC, ampliando o espaço de criatividade e de invenção, fomentando a sistematização de conhecimentos diferenciados a partir da sua validação. Na realidade trata-se de possibilitar o surgimento do pensamento espontâneo e criativo no espaço escolar e universitário, o que se pode produzir por meio de métodos de criação artística e cultural.

Nesse sentido, a auto-estima liga-se diretamente com um mínimo ético que orienta a pessoa em relação às possibilidades de partilhar da mutualidade das expectativas sociais, tornando-se um sujeito capaz de agir em um contexto cooperativo. Para que isso efetivamente ocorra é imprescindível garantir às pessoas

as condições de ingresso no pacto social no qual se desenrola o convívio moral entre os membros de uma comunidade. Essas condições são aquelas situadas num terreno demarcado pela linha da dignidade. Não há moralidade possível na exclusão social, na fome, na miséria, no desemprego ou nas situações-limite de desespero humano.

Conceito de cidadania que ainda não está objetivado nos debates das conferências e saberências da UPC, mas cidadania, que partindo das ideias deste pensador, possa dizer que não é um *status* social como pretendia T. H. Marshal (1967), não é uma posição que precisa ser ocupada, mas um caminhar para o estado de consciência social (COELHO, 1990, p.25). Esse caminhar pressupõe um trabalho coletivo em que os agrupamentos sociais buscam e lutam pela conquista de cidadania, sobretudo na compreensão dos direitos e deveres dos seus diversos atores sociais. Neste sentido, os que foram desfavorecidos pelo sistema de classes podem e devem participar, na prática, na comunidade da cidadania à qual legalmente pertencem como membros (BARBALET, 1989, p.13), construindo e reconstruindo espaço de cidadania que podem se deslocar entre o espaço local e o global.

A educação da UPC objetiva possibilitar que os sujeitos sociais compreendam, analisem e reflitam a respeito e sobre a temporalidade dos saberes. Não se trata, portanto, de uma educação das etapas fundamentais e do ensino superior voltada para os pobres, mas para todos os cidadãos independentemente de sua condição social na atualidade, principalmente, aos que almejam algo mais que simplesmente ser mais um, mas que desejem a partilha de conhecimentos e saberes e possa auxiliar o outro na construção de saídas sociais e econômicas para a sua vida e auxilie a pensar a de outros.

O processo cultural considerado como um dos princípios educadores da UPC, ao mesmo tempo é um fator essencial e delicado, pois a noção de identidade vale-se de uma leitura dupla: afirmar sua diferença, descobrir os fundamentos da sua cultura, reforçar a solidariedade do grupo, podem constituir para qualquer pessoa, passos positivos e libertadores; mas, quando mal compreendido, este tipo de reivindicação contribui, igualmente, para tornar difíceis e até mesmo impossíveis, o encontro e o diálogo com o outro.

Nessa mesma compreensão, o processo artístico em conjunto com o histórico, cultural e científico possibilita a invenção, a ousadia de criar novas tecnologias e alternativas para a satisfação das necessidades humanas fundamentais. Vida é arte e a arte se manifesta em toda a vida existente, razão pela qual nestas práticas não se pode dissociar a criatividade artística do processo educativo da UPC.

O princípio da equanimidade significa a capacidade de ficar no meio com respeito aos extremos. É essa capacidade de achar o que Buda chamou "o Caminho do Médio", que fica a igual distância dos extremos do nosso famoso bastão, pois se o sofrimento inconsciente é uma tolice, o sofrimento consciente é um poder nas mãos daqueles que aprendem a usá-lo.

A idéia central da democracia, e o modelo educacional que ela gera, para que não se sustente somente sobre as aporias, os paradoxos de sua existência, deveria propor uma forma dos sujeitos se perguntarem sobre suas próprias formas de representação. Essa indagação passa necessariamente pela capacidade de se colocar no lugar do Outro. Abrir-se ao Outro, com hospitalidade e responsabilidade, equanimidade, é um trabalho que demanda uma forma de repensar as estruturas políticas de maneira que as teorias da hospitalidade e da amizade possam interferir nessas esferas proporcionando outro ponto de vista dos povos e dos sujeitos sobre si.

Em todo caso, a hipótese de se trabalhar com o conceito de equanimidade dentro da educação proposta pela UPC fornece uma ligação entre os problemas impostos por estes aparentes paradoxos: igualdade, equanimidade, justiça, verdade. Conceitos supostamente centrados na existência da amizade e que, existindo nela, co-habitando seus espaços, permite outro tipo de reflexão, por meio da hospitalidade, Outro, amizade, democracia e igualdade.

3.3.1 O CURRÍCULO

Cada um dos espaços-temporalidade (o que chamamos de sala de aula), aglutinam o esforço de todos e geram produtos, tais como os do Campus Herbert de Souza: um livro intitulado "*Nossa Cara é um País*" baseado nas histórias de vida. E estes produtos são os fios condutores que orientam a prática educativa. Devem ser

fruto de atividades de pesquisa fundamentadas na necessidade de aprofundar saberes e conhecimentos necessários a vida dos coartisentes, artistas e comunidade, garantindo a sua pertinência.

Ao término de cada produto é realizado um encontro com a comunidade para que seja exposto a todos, uma produção coletiva é socializada com a comunidade. Como por exemplo: um sarau, jantar dançante, a apresentação do coral, ou uma feira. Estas atividades, além de integradoras possibilitam também espaços avaliativos da sociedade a respeito das práticas desenvolvidas pela UPC.

As turmas são constituídas no ensino fundamental, tendo como critério de universalização do acesso que os interessados tenham preferencialmente idade superior a 25 anos, e não tenham concluído o ensino fundamental. Podendo o ingresso de novos coartisentes ocorrer até o término do primeiro produto, considerando suas habilidades, competências, conhecimentos e escolarização prévia. Existindo vagas, será possível a recomposição das turmas no ensino médio obedecendo aos mesmos critérios utilizados no ensino fundamental. São vedadas novas matrículas apenas para o nível superior, bem como toda e qualquer modalidade de exame vestibular. O número de coartisentes por turma é de um mínimo de 150 e um máximo de 280.

Os critérios utilizados para a certificação do ensino fundamental são: a participação ativa do coartisente na confecção de todos os produtos, que devem ser um mínimo de três e um máximo de cinco. Isto é, o ou a coartisente deve participar da produção de cinco produtos, sabendo fazer, sabendo escrever a respeito desse produto, sabendo conviver com os demais coartisentes e criando possibilidade para que viva do seu trabalho, gerando renda. O período previsto para a certificação do ensino fundamental é entre um ano e meio a dois anos e meio, ou seja, dependerá basicamente de princípios, conceitos e éticas do grupo.

Ocorre na etapa que equivale ao ensino médio os mesmos procedimentos. Aumentando sim a complexidade dos produtos, da elaboração e da escrita. Em relação ao tempo para certificação este número se estende a um mínimo de cinco e um máximo de oito produtos. A temporalidade prevista no ensino médio e de dois anos e meio a três anos e meio.

O ensino superior deverá superar a fragmentação entre as diferentes áreas do conhecimento. No entanto, as propostas de curso superior ainda estão

sendo construídas. A idéia inicial é propor cursos de graduação que avancem para além dos atuais esquemas e concepções de cursos de licenciaturas e bacharelados, mas que se ouse criando novas profissões e ou possibilidades de organizações produtivas que propiciem a melhoria na qualidade de vida dos coartisentes. Os cursos ofertados no ensino superior também devem gerar produtos num mínimo de oito e um máximo de doze. Sendo a temporalidade prevista de no mínimo quatro e no máximo cinco anos. Totalizando um período mínimo de 8 anos e no máximo de 11 para que os coartisentes percorram da Educação Básica ao Ensino Superior. Sem, contudo, perder de vista que o projeto educativo da UPC, tratando-se esta de ser uma Universidade, deve também prever a oferta de cursos de Pós-Graduação que devem abranger as diferentes áreas do conhecimento. E que esta oferta educativa se insere em uma proposta de Educação ao Longo da Vida, devendo propiciar a artistas e coartisentes possibilidades de educação continuada, a ser ofertada exclusivamente pela UPC ou através de convênios e parcerias.

Os conteúdos utilizados como critérios para certificação terão em conta as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Segundo este documento “a fim de garantir a igualdade de acesso dos alunos a uma Base Nacional Comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional; a Base nacional Comum e sua Parte Diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma que visa estabelecer a relação entre o ensino Fundamental.

3.3.2 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO E ENVOLVIMENTO AO LONGO DA VIDA PARA DOCENTE NA UPC

“O credenciamento da Universidade poderá ser feito através da comprovação de: pós-graduação *stricto sensu* implantada;” (Art. 9º inciso IV da Resolução Nº 195/00/CEE/MT).

Para atender o que se exige na Lei, a Universidade Popular Comunitária criará o seu programa de pós-graduação já em 2005, com cursos em *Latu sensu* e *Strictu sensu*. Embora, já tenha Artisantis fazendo o Mestrado e o Doutorado através de parcerias e convênios para esse fim. Por ser uma exigência da Instituição que

todos os Artistas tenham Mestrado e Doutorado num período de 10 anos, é que já foram iniciados os cursos através dos convênios e outros serão assinados com Instituições Nacional e Internacional. Para o doutorado necessariamente deve ser no exterior, possibilitando um intercâmbio cultural com outros países, já que a Universidade Popular Comunitária tem como um dos seus princípios a valorização, o respeito às diversidades culturais e a convivência pacífica entre os povos. Entendendo que para se estabelecer um respeito e uma convivência pacífica se faz necessário conhecer as diferentes culturas e construir relações práticas de alteridade.

3.3.3 CONVÊNIO COM A UNIVERSIDADE DE SIEGEN - ALEMANHA

A Universidade de Siegen, com sede em Siegen, Alemanha, representada pela sua Reitora, a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso - FAPEMAT, com sede em Cuiabá MT, representada pelo seu Presidente; a Fundação Universidade Federal de Mato Grosso – FUFMT, representada pelo seu Reitor; Fundação Pública Federal, a Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso – FUNEMT, com sede em Cáceres-MT, representada pelo seu Reitor e o Município de Cuiabá, com sede na Praça Alencastro, nº 153, representada pelo Prefeito Municipal, assumem o compromisso em prol do sistema cooperativo de pesquisa, ensino, visando o curso de pós – graduação. A Universität de Siegen se comprometeu a oferecer programa de pós-graduação em nível de Doutorado e propicia o intercâmbio de profissionais. A FUFMT, a FUNEMT, e o Município de Cuiabá se comprometeram a propiciar meios para que seus profissionais participem do programa de Doutorado. Desenvolver programas próprios que se enquadram às exigências da Universität de Siegen. Ainda fomentar programas e projetos voltados ao ensino e pesquisa, que permitam o intercâmbio de profissionais com a Alemanha.

3.3.4 ÁREAS DE ATUAÇÃO PRIORITÁRIA DA UPC

A UPC trabalha com princípios que levem em conta o processo de emancipação humana e as relações que são estabelecidas entre os sujeitos sociais e os demais componentes e portadores de vida. Nesse sentido, nada mais justo e significativo que uma das áreas prioritárias da instituição seja justamente a

educação. Não o modelo educativo atual, mas sua superação para a idéia inicial de envolvimento. Isto é, evolver, evoluir-se, poder causar transformações. A idéia e as práticas da UPC estarão sendo priorizadas para esse caminho, buscando a construção de um novo e diferente campo conceitual para que se mudem práticas e entendimentos do homem, do sujeito, da educação, da terra, da cultura, enfim de todos os fundamentos e áreas do conhecimento a partir do pensamento de evolução.

Ao percorrer esse caminho a UPC não se esquecerá, evidentemente, da religação dos saberes com as demais áreas do conhecimento. Por isso, a história, a composição social em todos os níveis, condições e seguimentos, a inclusão digital, a economia, a cultura, a ciência serão objetos de investigação, de conhecimento e de práticas dos saberes, a partir dos fundamentos do evolver.

Por isso, jamais se abandonará o registro, catalogação, investigação e definição de procedimentos para o conhecimento do patrimônio cultural, gastronômico, tecnologias regionais, medicina alternativa preventiva, dentre outros saberes locais e regionais.

3.3.5 METAS INSTITUCIONAIS DA UPC

Os dirigentes da educação precisam colocar as questões educacionais, por serem tantas, numa escala de prioridades. Mas o que deve guiá-los nessa priorização, nessa política local retratada em seu plano educacional é de um lado sua própria realidade (os recursos disponíveis, suas possibilidades e limitações) e, de outro, o perfil do cidadão que ele pretende formar. Estes, sim, parecem ser os parâmetros que devem nortear sua gestão.

Na tentativa de caracterizar um processo de gestão que possa reverter o quadro negativo da educação, torna-se necessário que ele possua algumas bases e compromissos. Assim, como instituição que exercita a construção de novas ações e reflexões à atividade de ensino, a Universidade Popular Comunitária/UPC, buscando ir muito além do treinamento técnico-científico, demolindo velhas práticas pedagógicas em benefício do ser humano que existe e resiste atrás dos dados estatísticos das escolas tradicionais, estabelece como algumas metas, além de outras descritas ao longo deste projeto, as seguintes atividades:

- O resgate do sentido público da prática social da educação;

- A construção de uma educação cuja qualidade seja para todos;
- Uma ação democrática tanto na possibilidade de acesso de todos à educação, como na garantia de permanência e sucesso dos alunos;
- Uma educação democrática que se revele numa prática democrática interna em nível de sistema e de escola;
- Uma gestão que situe o homem nas dimensões pessoal e social, como centro e prioridade de sua "gerência."
- Criar mecanismos que viabilizem a educação continuada ou, como se prefere nesta instituição, ao longo da vida;
- Revisar o número de unidades de UPC (no mínimo 8 artisentis para contemplar as grandes áreas do conhecimento a partir do 1º concurso público);
- Consolidação do espaço da sede científica (2 anos), com infraestrutura de livros, computadores, periódicos, revistas, publicações, editora, produtora de vídeo e sonorização.

4. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA TODOS

De acordo com SACRISTÁN e PÉREZ GÓMEZ (2007, p.01), nos pequenos grupos humanos e nas sociedades primitivas, a aprendizagem dos produtos sociais e a educação dos novos membros da comunidade aconteciam como socialização direta da geração jovem, mediante a participação cotidiana das crianças nas atividades da vida adulta. Contudo, a aceleração do desenvolvimento das comunidades humanas, a complexidade das estruturas, a diversificação de funções e tarefas da vida nas sociedades, tornaram ineficaz esse processo.

Surgiram, então, ao longo da história diferentes formas de especialização no processo de educação ou socialização secundária (tutor, preceptor, academia, escola religiosa, escola laica ...), chegando aos sistemas de escolarização obrigatória para todas as camadas da população nas sociedades industriais contemporâneas. Nestas sociedades a preparação das novas gerações para sua participação no mundo do trabalho e na vida pública requer a intervenção de instâncias específicas como a escola, cuja função peculiar é atender e canalizar o processo de socialização. Esta função da escola aparece puramente conservadora: garantir a reprodução social e cultural para a sobrevivência mesma da sociedade.

Outras instâncias primárias de convivência e intercâmbios, como a família, os grupos sociais, os meios de comunicação exercem de modo direto a influência reprodutora da comunidade social (SACRISTÁN e PÉREZ GÓMEZ, 2007, p.01). No entanto, a escola, por seus conteúdos, por suas formas e sistemas de organização, introduz progressivamente, as ideias, os conhecimentos, as concepções, as disposições e os modos de conduta que a sociedade adulta requer. Assim, a contribuição da escola é decisiva e possibilita à sociedade industrial substituir os mecanismos externos de controle da conduta por disposições mais ou menos aceitas de autocontrole.

Todos os autores e correntes da sociologia da educação admitem que ao menos, desde o surgimento das sociedades industriais, o objetivo básico e *prioritário* da socialização dos alunos na escola é prepará-los para sua futura *incorporação no mundo do trabalho* (análise dessas posições em Fernández Enguita, 1990).

Segundo OLIVEIRA (2009), a escola, principalmente a pública, é espaço democrático dentro da sociedade contemporânea. Servindo para discutir suas

questões, possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico, trazer as informações, contextualizá-las e dar caminhos para o aluno buscar mais conhecimento. Além disso, é o lugar de sociabilidade de jovens, adolescentes e também de difusão sócio-cultural. Mas é preciso considerar alguns aspectos no que se refere a sua função social e a realidade vivida por grande parte dos estudantes brasileiros.

Desde o iluminismo a educação vem sendo entendida como um conjunto de estrutura rígida, com seus supervisores firmes na sela e tendo toda a iniciativa.

Segundo MEAD (apud Bauman, 2008, p.159), não só a forma como os indivíduos aprendem a pensar, mas como o acúmulo de aprendizado é compartilhado e utilizado, determina a estrutura social de uma sociedade e a forma como o aprendizado é estruturado.

BATESON (apud Bauman, 2008, p.159), ao atribuir o papel primal e decisivo do processo de ensino e aprendizagem ao contexto social e ao modo pelo qual a mensagem é transmitida, mais do que os conteúdos da instrução, determina que os sujeitos passem por dois processos de assimilação de conteúdos, o “proto – aprendizado” e o “deuteroaprendizado”.

O proto-aprendizado é caracterizado pelo ensino primário, pode ser visto a “olho nu”, monitorado e planejado. Já o deuteroaprendizado, é um processo subterrâneo, quase nunca notado conscientemente, impossível de ser monitorado. É no curso do deuteroaprendizado que os objetos da ação educacional adquirem habilidades muito mais importantes para a vida futura.

BATESON (apud Bauman, 2008, p.161) afirma que o deuteroaprendizado é o complemento indispensável do proto-aprendizado, sem ele o aprendizado resulta numa mente dissecada e ossificada, incapaz de assimilar uma situação alterada ou não pensada de antemão. Afirma também que esta habilidade aparece de uma forma ou de outra, em todas as culturas humanas conhecidas, independente da diligência, do talento dos aprendizes, da competência e da assiduidade dos professores, bem como dos atributos do mundo do qual os alunos mencionados estão destinados a viver sua vida.

Considerando que o protoaprendizado se relaciona o ensino primário, o deuteroaprendizado com o ensino secundário, o terceiro grau corresponde ao aprendiz terciário, comparado nos dias de hoje aos alunos da Universidade. Nesta

fase o homem aprende a quebrar as regras, livrar-se dos hábitos e prevenir a habitualidade. Esta estratégia a ser adquirida se torna um equipamento crucial para o que é indispensável: “o equipamento para a vida”, ou seja, o sucesso na vida, e assim como a velocidade com que conseguirem se livrar dos hábitos antigos, mais rápidos será a de adquirir novos hábitos.

Porém o deuteroprendizado está em parte sobre o controle dos profissionais da educação.

A discussão é: quem atua como professor e quem atua como aluno, quem adquire conhecimento e quem está situado na extremidade receptora da transmissão, quem decide qual conhecimento precisa ser passado adiante e merece ser incorporado.

CASTORIADES (apud Bauman, 2008, p.162) cita que a sociedade democrática é uma enorme instituição pedagógica, o lugar de uma refreável autoeducação. “Observo com tristeza que as paredes da cidade, os livros, os espetáculos e os eventos educam, no entanto, agora eles parecem deseducar os habitantes.”

O mundo em que os homens e as mulheres precisam viver e moldar suas estratégias de vida põe a prêmio o aprendizado terciário, um tipo de aprendizado que nossas instituições educacionais, herdadas, nascidas e amadurecidas no moderno alvoroço da ordem estão mal preparadas.

Para OLIVEIRA (2009) muitos atribuem a problemática da educação às situações associadas aos valores humanos, como a ausência e/ou ruptura de valores essenciais ao convívio humano. Assim, como alegam despreparo profissional dos educadores, salas de aula superlotadas, cursos de formação acelerados, salários baixos, falta de recursos, currículos e programas pré-elaborados pelo governo, dentre tantos outros fatores, tudo em busca da redução de custos

Para BAUMAN (2008, p.164), na verdade, a atual crise educacional atinge as instituições de cima para baixo. As filosofias herdadas foram criadas para um tipo de realidade diferente. E a cada geração fica mais difícil absorver, acomodar e manter as mudanças sem uma revisão meticulosa dos marcos conceituais que empregam.

KUHN (apud Bauman, 2008, p. 161) afirma que as instituições podem ver o desafio como mortal e esmagador, mas não projetam marcos diferentes, colocam a ortodoxia filosófica de lado e abandonam a crescente pilha de novos fenômenos e os consideram anomalias e desvios.

BILDUNG (apud Bauman, 2008, p.1) diz que a educação pretende transformar membros individuais da sociedade em seres sociais adaptados a desempenhar papéis socialmente atribuídos. Esta âncora era mantida pela Universidade. Ela tem que gerar valores primordiais e treinar os educadores para disseminar e transformar esses valores em habilidades sociais.

Para OLIVEIRA (2009) certamente a resposta para uma discussão tão atual como essa surja com o estudo sobre as bases que compõem a sociedade atual. Pois, ao analisar o sistema capitalista nas suas mais amplas esferas, descobre-se que todas essas problemáticas surgem da forma como a sociedade está organizada com bases na propriedade privada, lucro, exploração do ser humano e da natureza e se manifestam na ideologia do sistema. A formação de hierarquias culturais está atualmente atribuída ao mercado. Antes esta hierarquia era distribuída e partilhada pelo estado sendo desafiada e contestada por outras agências.

Ao moldar hierarquias de influência, a notoriedade foi substituída pela fama, a visibilidade pública afastou as credenciais acadêmicas. As escolas precisam competir com inúmeras outras agências, sendo muitas destas bem mais capacitadas para “passar a mensagem delas” e mais em sintonia com os desejos e temores dos consumidores contemporâneos.

Numa época em que todos os estudantes, professores, e professores de professores têm igual acesso a computadores conectados com a internet, enquanto os últimos pensamentos da ciência estão disponível em qualquer loja de jogos, o acesso às últimas novidades, fraquezas da academia depende do dinheiro que se tenha.

OLIVEIRA (2009) diz que assim a educação não alienada deve ter como finalidade a formação do homem para que este possa realizar as transformações sociais necessárias à sua humanização, buscando romper com o os sistemas que impedem seu livre desenvolvimento.

Os cursos de treinamento profissional, ou o “Aprenda sozinho”, oferecido pela mídia extrauniversitária, torna-se mais atrativa do que uma educação universitária, que não é mais capaz de prometer muito menos garantir uma carreira vitalícia.

Estamos inclinados a suscitar que se o ingresso nas universidades, já não está caindo de maneira acentuada, pois serve de abrigo temporário, numa sociedade afligida pelo desemprego, um mecanismo que permite aos recém chegados, adiar por alguns anos o momento da verdade, que chega quando a dura realidade do mercado de trabalho precisa ser enfrentada. E isso diminui o valor de mercado do diploma universitário.

O processo de aprendizado superior historicamente institucionalizado pela prática universitária, não pode adotar com facilidade o ritmo de mercado de trabalho. É difícil concorrer com o mercado do treinamento do emprego, de cursos curto e treinamentos de final de semana.

Com as mensalidades e custos de moradia que crescem com rapidez, logo será possível demonstrar que a educação universitária talvez, não ofereça em termos de mercado, valor em troca de dinheiro.

Antes, notoriedade era sinônimo de conhecimento. Uma vez que a notoriedade tomou conta da fama, os membros graduados da universidade competem com esportistas, estrelas pop, ganhadores de loteria, terroristas, assaltantes de banco e psicopatas, e nessa competição eles tem pouca, se é que tem alguma chance de vencer.

A escola tem que rearticular seu papel no mundo, que não tem utilidade para seus serviços tradicionais, que estabelece novas regras para o jogo de prestígio e influência e vê com grande suspeita os valores que ela defende.

Uma estratégia óbvia é aceitar as regras de acordo com elas, na prática isso significa submissão aos critérios implacáveis do mercado.

5. A UNIVERSIDADE DIANTE DA CULTURA DE MASSA

Para CERTEAU (1995,p.101) a universidade deve solucionar atualmente um problema para qual a sua tradição não a preparou: a relação entre a cultura e a massificação de seu recrutamento. Esta conjuntura requer que ela produza uma cultura de massa.

As instituições se quebram sob esse peso demasiadamente grande, igualmente incapazes de responder à demanda que leva às suas portas o fluxo incessante de candidatos cuja mentalidade e futuro são estranhos aos objetivos presentes no ensino. Sob esse duplo choque a universidade fragmenta-se em tendências contrárias. Umas procuram proteger-se da onda fortificando os muros da seleção e radicalizando interiormente as exigências de cada disciplina por um controle mais rigoroso.

SAVIANI (2000, p.35) (apud OLIVEIRA,2009) questiona "(...) a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?" E continua sua indagação ao refletir "(...) uma visão histórica da educação mostra como esta esteve sempre preocupada em formar determinado tipo de homem. Os tipos variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas. Mas a preocupação com o homem é uma constante."

As instituições se quebram diante deste peso demasiadamente grande, igualmente incapazes de responder à demanda que leva às suas portas o número incessante de candidatos aos objetivos presentes ao ensino. Sob este duplo choque a universidade se fragmenta em tendências contrárias. Umas procuram se proteger fortificando os muros pela seleção da admissão de alunos. Outros deixam a massa dos estudantes calcar os pés às guardas dos canteiros da tradição. Tanto no primeiro caso quanto no outro são os estudantes que pagam a conta, destinados ao matadouro do exame ou ao desemprego em virtude da falta de qualificação técnica.

No conjunto, a linha dura leva a melhor entre os professores que alegam justificando apoios precários e poucas inovações, do outro lado, o respeito à tradição, uma deontologia da propriedade profissional e a pressão da conjuntura política.

A universidade de um modo geral visa destinar a uma população de estudantes relativamente restrita, um ensino e pesquisa. Por volta de 1900 houve a generalização do primário, e em 1935, a do ensino secundário. A universidade até pouco tempo transmitia uma cultura “de elite”, no melhor sentido do termo. Mas este fato não possuía em todas as faculdades o mesmo significado social, em Direito, Medicina ou em Farmácia, a seleção cultural favorecia mais a defesa de privilégios socioprofissionais do que no caso de Letras e Ciências.

O impulso demográfico, a gratuidade do secundário e consequentemente o aumento dos bacharéis, enfim a elevação do nível de vida acarretou uma crescente demanda de participação cultural e de promoção social, triplicou em poucos anos o número de estudantes: de 1960 à entrada prevista para 1970, ela passa de 215 mil a 636 mil. Mediante este aumento quantitativo, é preciso identificar seu significado qualitativo. Com efeito, diante da nova situação não basta multiplicar as faculdades e a relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social. A relação da cultura com a sociedade modificou-se, a cultura não está mais reservada a um grupo social, não constitui mais uma propriedade particular de certas especialidades profissionais

RENÉ KAES (apud CERTEAU, 1995, P. 104) resumiu perfeitamente o problema quando, referindo-se aos operários, apontou no fim de um questionário sobre cultura, sua expectativa de uma escola que constitua um lugar de encontro e aprendizagem da vida social, microcosmo e prefiguração da sociedade da idade adulta e lugar de preparação prática e teórica da vida cotidiana, em particular a do trabalho. A maioria dos operários vai em busca daquilo que lhe parece mais urgente, garantir a mobilidade e a facilidade nas relações sociais, sair da indiferenciação e da intercambialidade profissional. Porém essa expectativa é frustrada, um desses trabalhadores questionados chegou a definir a cultura como um tesouro rodeado por espinhos.

Com outros termos, as dezenas de milhares de estudantes partilham hoje desse sentimento. Submetidos agrades intelectuais que não lhes parecem organizadas nem em função de suas questões, nem em função do seu futuro, não percebem mais no ensino que lhes “é dado”, seu valor de instrumentalidade cultural e social. Muitas vezes resta-lhes um muro a transpor, um obstáculo a superar, uma condição imposta para chegar às profissões que se encontram do outro lado.

Quanto menos operacional com relação a expectativas socioculturais, mais a universidade se torna discriminatória, transformando em gargalo a passagem entre o presente e o futuro dos jovens, na medida em que ele se revela incapaz de constituir um laboratório que produz uma cultura de massa ao proporcionar métodos a questões e a necessidades.

Estudantes norte-americanos e franceses são adeptos de um movimento chamado *relevance*, (pertinência) e tem a liberdade em suas instituições de questionar, diante de seus estudos: qual o sentido disso? O que eles significam? O que dizem? E recusam na realidade a falta de sentido de um ensino alheio à experiência e cuja elucidação ele deveria permitir.

RICOEUR (Apud CERTEAU, 1995, p.117) enfatizou que, veementemente antes de sua saída (do posto de deão da universidade) de Nanterre e na sua carta de demissão, que os problemas fundamentais da universidade dizem respeito ao país inteiro, e tanto quanto ela não pode ser reformada em uma sociedade que recusa sê-lo, não poderia atribuir às autoridades universitárias a responsabilidade de solucionar pelo recurso da força, um problema que o Estado se reconhece incapaz de esclarecer por meios propriamente políticos. Inversamente a Universidade não pode mais se julgar autônoma. A Universidade é um lugar onde se exercem forças políticas, mas não constitui uma entre elas.

6. CONCLUSÃO

Para OLIVEIRA (2009) a escola não pode continuar a desenvolver o papel de agência produtora de mão de obra. Seu objetivo principal deve ser formar o educando como homem humanizado e não apenas prepará-lo para o exercício de funções produtivas, para ser consumidor de produtos, logo, esvaziados, alienados, deprimidos, fetichizados. Estas são marcas que expressam as relações entre movimento corporal, já que as escolas não sabem para qual caminho seguir: atender os desejos do Estado, cumprindo seu dever para com o aluno de despejar conteúdos específicos em suas mentes para que depois seja testado pelo próprio governo, deixando de trabalhar com os futuros cidadãos, atividades de cultura e processos de subjetivação relacionados à cultura brasileira.

É necessário que a práxis educativa dos educadores e educadoras supere o espírito de competitividade individualista e egoísta da sociedade capitalista, a fim de que possa se converter em instrumento de ação política e social, a favor das classes trabalhadoras.

Nas três instituições escolhidas, percebo a existência de princípios éticos, tanto para com a relação professor aluno, quanto para a relação equipe gestora e professora. Momentos de estudo são organizados frequentemente, a fim de respeitar e provocar a autonomia, fazendo com que as pessoas sejam capazes de deliberar suas escolhas pessoais, utilizando de uma autodeterminação.

É claro que não há um perfil determinado e nem um modelo que deva ser seguido á risca. Mas pode-se salientar que os envolvidos com a educação e que desejam ou acreditam na possível transformação social devem buscar através da dinâmica e da dialética, assumir um compromisso com o povo, abandonando a postura de neutralidade e visando a práxis transformadora; recusar o imobilismo, não ficando somente na idéia de críticas e denúncias, mas pesquisando e apontando soluções; encarar a educação como problematizadora, tendo a consciência de que não cabe a educação realizar a transformação estrutural da sociedade, mas que, para que ocorra essa transformação a educação tem um papel intransferível.

MÉSZÁROS (2005) salienta que a educação deve qualificar para a vida, e não para o mercado, como está impregnada na ideologia capitalista, como

mercadoria, um negócio. Para ele a crise educacional não resulta apenas da modificação política dos processos educacionais, mas da reprodução da estrutura dos valores que perpetuam a ideologia da sociedade mercantil.

É, portanto particularmente urgente tudo que possa devolver a escola seu papel propriamente intelectual – um papel que paradoxalmente, ela deixa escapar, ao qual ela até mesmo renuncia, quando se recusa a colocá-lo sob sua forma atual, isto é, em termos de massa, e quando ela não leva a sério, com seu recrutamento real, a nova tarefa que lhe está assim, destinada na nação.

É urgente superar a educação tantas vezes deseducadora, abandonando posturas embutidas na ideologia do sistema e ultrapassar a visão distorcida da educação como mero instrumento de formação para o mercado de trabalho. Reformular o compromisso de educadores com a atividade pedagógica e renovar o comportamento frente à sociedade.

A difícil sobrevivência destes projetos nas escolas às quais pesquisei é o que preocupa. O estado não aplica medidas avaliativas diferenciadas para observar o desempenho do aluno nestas e em tantas escolas que modificam seu currículo para aproximar mais o aluno da escola e da sociedade. Muito pelo contrário, a avaliação governamental que gera os índices IDEB e IDESP, avalia conteúdos tradicionais e específicos adquiridos pelas crianças. Assim é direito e dever de todos os segmentos sociais, que buscam e acreditam numa sociedade democrática, exigir o cumprimento e realização das funções primordiais da educação garantidas em lei. Prestigiar os projetos escolares que envolvem a comunidade e trazem maiores oportunidades de melhora de vida, conseqüentemente ajudando os alunos a, conquistarem mais esse obstáculo na vida que é a escola, também auxilia. Muitos enxergarão este obstáculo como uma barreira e por muitos motivos não vão forçá-la, ficando no mesmo lado pra sempre, já outros, utilizarão este obstáculo para subir, e com eles alcançar novos rumos, se apossando do conhecimento distribuído de forma diferenciada. Por isso é importante a participação nas decisões relativas aos rumos, diretrizes e organização, os pais, professores, equipe gestora e comunidade, em sua prioridade.

7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z., *A sociedade individualizada*. Vidas contadas e histórias vividas, Tradução Jose Gradel, Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BARBALET, J. M. *A cidadania*. Lisboa: Estampa, 1989. p. 13.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobranszky, Campinas, São Paulo, Papirus, 1995.

COELHO, L. M. C. da Costa. *Sobre o conceito de cidadania: uma crítica a Marshall, uma atitude antropofágica*. In: **Revista Tempo Brasileiro**. vol. 100, 1990, p. 24.

EMEIEF “PROFª MARIA APPARECIDA DE LUCA MOORE”, *Plano Gestor 2008*, Limeira, São Paulo, 2008, 398 p.

LEI DE DIRETRIZES E BASES, 1961, Acesso em 05-10-2010, disponível m: <http://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>

MARSHALL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Cristiane K., *A função Social da Escola, 2009*, acesso em 15-06-2010, disponível em <http://www.webartigos.com/articles/26970/1/A-FUNCAO-SOCIAL-DA-ESCOLA/pagina1.html>

SACRISTÁN J. G. e PÉREZ GÓMEZ A. I., *Compreender e transformar o ensino*, 2007, artigo acesso do em: 13-08-2010. Disponível em: <http://tudosobre.com/concursos/3/SACRISTAN,%20José%20e%20Gomes,%20Pere s,%20A.I.%20-%20As%20funções%20sociais%20da%20.pdf>

SAVIANI, Dermeval - *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 6. ed. Campinas, Autores associados, 1997

UNESCO - *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 2003, p. 18.

VIANA, Gilney e **MACIEL**, João O. F. "*Mapa da violência de Cuiabá*". Editado pelo Gabinete do Deputado Estadual Gilney Viana, PT/MT, 2000.

"UPC – *Universidade Popular Comunitária*".
Trabalho apresentado no Seminário Internacional de Educação na Universidade de Siegen, Alemanha, 2004.